

cassionei.blogspot.com.br

Essa terra não tem dono

Partilhar

5-7 minutos



Sempre que encontro em sebos uma edição da Coleção Nosso Tempo, da Editora Ática, organizada por Jiro Takahashi nos anos 70, não penso duas vezes em adquiri-la. Somente as capas elaboradas por Elifas Andriato (cujas ilustrações também estampavam capas e encartes de LPs da MPB) valem muito artisticamente. A capa de **Essa terra**, de Antônio Torres, me chamou a atenção em uma de minhas garimpagens em sebos (ou num balaio de feira do livro?) já faz mais de 15 anos. Nela, um homem com a boca aberta, língua para fora e uma grossa corda amarrada ao pescoço. O suicídio, como sabem meus poucos leitores, é meu tema obsessivo.

Acabei relendo há pouco o romance nessa edição que ainda tenho, mas há uma mais recente pela Record. Narra, em sua primeira parte intitulada “Essa terra me chama”, a volta de Nelo à cidade de Junco, interior da Bahia, depois de 20 anos morando em São Paulo, um dos tantos retirantes que tenta a sorte na cidade grande. Seu irmão, Totonhim, é quem narra essa volta, ele que foi o único da família a ficar na cidade, e também narra, logo no início do romance, a descoberta do corpo do irmão enforcado: “Atordoado, me apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela se abrisse — e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador da rede.”

Na segunda parte, “Essa terra me enxota”, o narrador muda para a terceira pessoa, mas com foco no pai, quando ele ainda morava no Junco e contraiu dívidas com um banco, considerado o Anticristo: “os homens do banco estavam apertando, iam tomar-lhe tudo (...). — Compadre, banco é treta. Banco escraviza o homem como o jogo e a bebida”. É nesse bloco que lemos um dos trechos mais bonitos do romance: “Sua escrita era outra e essa ele tinha orgulho de fazer bem: riscos amarronzados sobre a terra arada, a terra bonita e macia, generosa o ano inteiro. A melhor caneta do mundo é o cabo de uma enxada.” Sua mãe ganha destaque na parte “Essa terra me enlouquece”, porém ela aparece sempre ignorando os demais filhos e pedindo a volta do Nelo.

Entre e idas e vindas no tempo, frases fragmentadas que emulam a caótica vida dos protagonistas, blocos que ora focam um ora focam outro personagem a partir de alternância de vozes, o romancista não nega a influência de William Faulkner, declarada a partir da epígrafe retirada de *O som e a*

fúria. A decadência de uma família, as alusões bíblicas (o filho pródigo, o Apocalipse), a morte que desestrutura o desestruturado e o pai que constrói o caixão com as próprias mãos (que nos remete a *Enquanto agonizo*) confirmam a referência. A linguagem, porém, é brasileiríssima, baianíssima, e muito bem articulada por Antônio Torres nessa que era, no ano de 1976, sua recém-lançada terceira obra. Mais de 40 anos, *Essa terra* figura como uma leitura indispensável.

Mensagens populares deste blogue

P.S. do dia 15/12/2013: Este texto recebeu várias visitas nos últimos meses e, como resultado, encontrei alguns plágios em sites de escolas por aí.

Notas sobre os ensaios de Milan Kundera

1 Se alguns veem o romance como mero entretenimento, apenas mais uma forma de contar uma história, quando penso em literatura, penso no romance como forma de arte em primeiro lugar. O escritor, nesse caso, elabora as palavras em busca do efeito estético. Além disso, o autor também pode refletir sobre sua criação e a dos outros, formando assim, sua poética. É o que faz Milan Kundera em seu *A arte do romance*, de 1986, livro de ensaios relançado este ano pela Companhia das Letras numa bela edição de capa dura, seguindo a linha de outros relançamentos do autor de *A insustentável leveza do ser*. 2 Como a maioria das outras obras do escritor checo, esta também é dividida em sete partes, contendo um ensaio cada. Kundera fala sobre este número em entrevista para a *Paris Review*, dividida no livro em dois ensaios: “não é de minha parte nem coquetismo supersticioso com um número mágico, nem cálculo racional,

mas imperativo profundo, inconsciente, incompreensível...

Chuva, café, música clássica e leitura. Daqui a pouco, o cachimbo. Combinação quase perfeita para uma manhã de dezembro, já de férias, final de ano, final de um péssimo ano. Os dedos escorrem pelas teclas com aquela necessidade de escrever algo. Não quero, porém, fazer nenhum balanço de final de ano como costumava fazer. As coisas ruins suplantaram as boas, peso maior para a morte trágica do meu pai, cujo rosto pude tocar pela última vez há pouco mais de dois meses. Os dedos continuam tateando o teclado. Há pouco estava lendo o romance *O inverno e depois*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, editado pela L&PM. O protagonista, Julius, é um violoncelista, que tateia as cordas buscando o som perfeito, que toca no seu instrumento entre as pernas (o violoncelo, que fique claro) como se tocasse as curvas do corpo de uma mulher, que toca os cobertores que o protegem do frio do pampa, que toca o corpo das mulheres (Klarika, Constanza) como se tocasse seu cello. O toque é a preliminar do prazer...